



“Sai[r] dos livros sem sair do lugar”¹: Manuel António Pina e a escrita “para” crianças e jovens²

Sara Reis da Silva
Universidade do Minho

PALAVRAS-CHAVE: MANUEL ANTÓNIO PINA, INTERTEXTUALIDADE, LITERATURA PORTUGUESA.

KEYWORDS: MANUEL ANTÓNIO PINA, INTERTEXTUALITY, PORTUGUESE LITERATURE.

Eu não escrevo para crianças; penso, sim, que alguns dos meus livros, alguns dos meus poemas, algumas das minhas peças de teatro, podem dizer alguma coisa a algumas crianças. (Embora, naturalmente, não saiba bem o quê. Tenho uma ideia, claro, mas não a certeza absoluta). (Pina, 1985: 149)

Vasta, polifacetada e reconhecida, a escrita “para” crianças e jovens de Manuel António Pina (MAP) possibilita como poucas, no domínio literário que se convencionou designar – não sem alguma ambiguidade e muitos constrangimentos³ – como literatura para a infância e a juventude ou literatura infantil e juvenil, uma variedade de leituras e de aproximações.

¹ Verso que integra o poema “Era uma vez”, pertencente à colectânea *O Pássaro da Cabeça* (1983).

² Este ensaio foi apresentado no “Seminário Manuel António Pina”, que decorreu no dia 21 de Janeiro de 2010, na Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, na Guarda.

³ O próprio MAP, em contextos diversos, tem questionado esta designação. Recorde-se, por exemplo, a seguinte reflexão, correspondente a um texto de uma conferência proferida em 21/03/87, no CIFOP da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, publicada no *Jornal de Notícias* de 01/09/87, com o título “Literatura Dra-

Inaugurada em 1973, com o volume de contos para crianças intitulado *O País das Pessoas de Pernas para o Ar*, título que valeu ao autor, um pedido de esclarecimento pela PIDE⁴, a produção literária que MAP tem vocacionado para os leitores mais novos, superando os vinte exemplares, distribuem-se pela poesia, pela narrativa e pelo texto dramático.

Se a escrita dramática, com obras como, por exemplo, *Os 2 ladrões* (1983), *História com Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas* (1984), *O Inventão* (1987), *A Noite* (2001) ou *História do Sábio Fechado na sua Biblioteca* (2009), última obra dramática editada, é nitidamente o modo no qual se situam o maior número de títulos publicados – contrariando, na verdade, juntamente, por exemplo, com António Torrado, a tendência para o texto dramático permanecer a “Cinderella” da literatura para crianças, na expressão de Peter Hollindale (1996) –, importa recordar a edição das duas tocantes (por motivos diferentes) colectâneas poéticas *O Pássaro da Cabeça* (1983) e *Pequeno Livro de Desmatemática* (2001). E acrescente-se também a estes dois volumes, a título exemplificativo e agora no âmbito narrativo, quer os contos que integram o já referido, *O País das Pessoas de Pernas para o Ar* (1973), quer a novela juvenil *Os Piratas* (1986), quer, ainda, *O Tesouro* (1994), *Histórias que me contaste tu* (1999), *A História do Capuchinho Vermelho Contada a Crianças e Nem Por isso* (2005) ou o volume mais recente, vindo a lume já no final de 2009, por altura do Natal: *O Cavalinho de Pau do Menino Jesus e outros contos de Natal* (2009).

Neste ensaio, tencionamos dar conta de algumas das experiências receptoras proporcionadas pelos textos do autor em questão, procurando interpretar os percursos criativos que se inscrevem ou que rompem com a tradição da literatura infantil e juvenil. Para tanto, e tendo como motivo inspirador a expressão que pedimos de empréstimo ao poema “Era uma vez”, de *O Pássaro da Cabeça*, e transformada em título desta abordagem, estruturámos a nossa apresentação em quatro partes, a saber:

mática Para Crianças?”: “Em Portugal, a literatura com o rótulo de «infantil» ou «para crianças» continua atolada nesse equívoco central da «literatura para crianças», que é, como se disse atrás, do mesmo género dos equívocos de outras literaturas «para»: «para» as mulheres, «para» o povo, «para» os operários (tudo, curiosamente, grupos que em termos sociais, os «adultos» mantêm num estado de infantilização e domínio...). Há tempos, uma editora teve mesmo, durante largos anos, uma colecção de livros «para» rapazes e uma colecção de livros «para» raparigas!” (Pina, 1987: s/p).

⁴ Como desvendou o próprio MAP numa conferência ainda inédita, proferida na sessão de abertura do XVIII Encontro de Literatura para Crianças da Fundação Calouste Gulbenkian, que decorreu em Lisboa, nos dias 15 e 16 de Dezembro de 2008.

1. "Sair dos livros sem sair do lugar" dos textos/livros: intertextualidade e metatextualidade/metaliteratura.
2. "Sair dos livros sem sair do lugar" através do contacto com um universo temático peculiar.
3. As estratégias técnico-discursivas como meios de "Sair dos livros sem sair do lugar".
4. "Sair dos livros [ou uma viagem interartes] sem sair do lugar": a composição gráfica e/ou visual dos livros de potencial recepção infanto-juvenil de MAP.

1. "SAIR DOS LIVROS SEM SAIR DO LUGAR" DOS TEXTOS/LIVROS: INTERTEXTUALIDADE E METATEXTUALIDADE/METALITERATURA

Testemunhando, com frequência, uma apelativa tendência para o exercício criativo alicerçado na intertextualidade, os textos de MAP vivem da revalorização de fragmentos da sua própria autoria cuja recuperação autoriza a sua autonomização e um reaparecimento renovado. É o caso do processo de génese eleito para a colectânea poética *O Pássaro da Cabeça*, obra na qual se verifica a inclusão de um conjunto de poemas que constituíram originalmente segmentos discursivos em discurso directo (réplicas) colocados na voz de personagens de *O Inventão*.

Entre *O Inventão* e *O Pássaro da Cabeça*, obra poética cuja construção se baseia no recorte e na colagem de textos, ou entre determinados elementos importantes de textos de *O Têpluquê* (1976) (como a figura do Escaravelho Contador de Histórias, por exemplo) e alguns de *Histórias que me contaste tu*, ou, ainda, entre a narrativa "Uma história chamada George", contida na última obra evocada, e a peça *História do Sábio Fechado na sua Biblioteca*, por exemplo, verifica-se um género peculiar de releitura do próprio escritor ou de algumas das suas escritas, utilizando "textos que ele mesmo escreveu, o que resulta numa espécie de intratextualidade", como apontam Ivete Lara Camargos Walty e Maria Zilda Ferreira Cury, no *E-Dicionário de Termos Literários*, ou de intertextualidade homo-autoral (Aguiar e Silva, 1990).

Mas a escrita de MAP revela também, parecendo prestar-lhes uma espécie de tributo, a influência de autores e de textos tão variados como *Alice no País das Maravilhas* e L. Carroll, *Winnie-the-Pooh* e A. A. Milne – livro que, aliás, o poeta apelidou de "obra-prima de radical e delicadíssimo humor" (Pina, 2010: 12) –, Pessoa/Alberto Caeiro (*O Guardador de Rebanhos*) e António Nobre, figuras e obras tutelares, algumas a pontuarem significativamente os contos de *O País das Pessoas de Pernas para o Ar*. Ainda no domínio hetero-autoral, é de ressaltar, assim, a presença de ecos de vários/outros intertextos canónicos nacionais e

estrangeiros, muitas vezes, até, de elevada complexidade (se atendermos, naturalmente, à limitada competência linguística e literária e/ou às restrições descodificadoras que caracterizam o leitor infanto-juvenil), como a *Bíblia* e *Os Lusíadas*, ou de textos ou enunciados do património tradicional oral (como em algumas peças de *O Inventão*), matéria literária que, retextualizada, alimenta a escrita do autor sob formas variadas, desde a citação, até à alusão, passando pela paródia.

Consideramos, por conseguinte, que uma das especificidades da escrita de MAP se baseia na intertextualidade, sendo que esta, respeitando a própria perspectiva autoral, é naturalmente devedora da memória.

Cremos, pois, que a generalidade da produção literária de MAP é um dos raros exemplos literários com destinatário explícito infanto-juvenil onde uma competência intertextual ou o “intertexto leitor” é determinante (e exigida/o) do ponto de vista receptivo e dos vários níveis de leitura que o texto possibilita.

Um apontamento breve, ainda, para assinalar a presença e a relevância na obra de MAP de passagens que denunciam uma atitude questionadora face a certos processos de escrita e a alguns modelos narrativos e poéticos, por exemplo. Demorando-se, muitas vezes, em relatos auto-reflexivos e reflectindo sobre as palavras, sobre a génese da escrita e alguns dos seus “lugares-comuns”, sobre a validade e a coerência de certas “histórias”, ou, ainda, misturando géneros, modos de narrar ou representações discursivas e experimentando focalizações múltiplas, aspectos que resultam, frequentemente, em diversos comentários (em contexto ficcional ou não) e apartes e em construções lúdicas, os textos de MAP reflectem um posicionamento autoral de natureza metatextual e/ou metaficcional⁵. A obra *Histórias que me contaste tu é*, a este título paradigmática, já que, na generalidade dos seus textos, se observa, por exemplo, uma interrogação paródica dos códigos de uma determinada escrita, funcionando, em última instância, como autênticos exercícios metatextuais.

2. “SAIR DOS LIVROS SEM SAIR DO LUGAR” OU O CONTACTO COM UM UNIVERSO TEMÁTICO PECULIAR

A possibilidade de um conjunto de leituras diferenciadas e/ou individualmente significativas parece-nos decorrer, em larga medida, da própria abertura/pluralidade

⁵ Sobre este assunto, vide McCallum, Robyn (1996). “Metafictions and Experimental Work”. In HUNT, Peter (ed.) *International Companion Encyclopedia of Children’s Literature*. London/New York: Routledge, 396-409.

temática e da ligação com domínios diversos do conhecimento que os textos de MAP oferecem. Além disso, é nossa convicção que a unidade ou a coesão formadas pelo conjunto dos textos que o autor tem vocacionado para os mais novos se deve, igualmente, aos temas e motivos ficcionalizados e estes, no essencial, talvez possam resumir-se a: infância, memória, sonho, imaginação, cisão do eu/duplo, vida/morte, desconcerto do mundo, crítica social e liberdade.

Linhas ideotemáticas fracturantes como a pedofilia ou a morte (associada às ideias de medo e de dúvida, por exemplo) perpassam certas obras do autor. O primeiro tópico mencionado, a pedofilia, relacionado, também, de certo modo, com as condições de vida modernas (com a sua desumanidade, com as suas exigências profissionais, com a sua insegurança, as suas famílias desagregadas ou o império da aparência sobre a essência, por exemplo), norteia a construção diegética, inquietantemente trágica, sublinhe-se, de *História do Capuchinho Vermelho contada a Crianças e Nem por isso*, texto produzido a partir de seis pinturas da artista plástica Paula Rego. Recorde-se, apenas, a passagem conclusiva deste conto:

A mãe voltou então do trabalho e deu com o lobo a dormir na sala e as roupas de Capuchinho Vermelho espalhadas pelo chão. Em grande aflição, percebeu logo o que se tinha passado. Cheia de raiva, correu ao anexo do quintal, trouxe uma forquilha e espetou-a no lobo com toda a força, matando-o. Seguidamente, pegou numa grande faca e tirou-lhe cuidadosamente a pele.

"Assim como assim", disse a mãe, "sempre fico com uma estola..."

Nos dias seguintes, a *toilette* da mãe foi objecto de grande admiração entre as colegas do escritório: um vestido vermelho rubro que lhe ficava muito muito bem e uma belíssima pele de lobo ao pescoço. (Pina, 2005: 14-16)

Com efeito, a temática da morte, marcando o desfecho da obra a que acabámos de nos reportar, singularmente focada e plasmando-se em outras obras como *Os Piratas*, *Aquilo que os Olhos Vêem ou o Adamastor* e *História do Sábio Fechado na sua Biblioteca*, situa a escrita de MAP numa linha, de certa forma, existencialista, dotando-a de um humanismo e de um dramatismo manifestamente invulgares no domínio da literatura infanto-juvenil. A este propósito, veja-se, também, o segmento conclusivo de *História do Sábio Fechado na Sua Biblioteca* e avalie-se a intensidade e densidade dramáticas, bem como as próprias sugestões simbólicas que este encerra:

NARRADOR - O Sábio abriu os olhos e verificou então, surpreendido, que estava na sua Biblioteca, sentado, como sempre, à sua mesa de trabalho.

Como era muito sábio, depressa concluiu que tinha morrido. Tinha morrido precisamente no momento em que soube a última coisa de todas as coisas que havia para saber e, desde aí, não mais vivera. Apenas sonhara, sem saber que tinha morrido. Até a sua longa viagem ao Reino das Sombras tinha sido, também ela, um sonho.

Sem saber que tinha morrido... Afinal sempre tinha morrido sem saber que morria como estava escrito no Livro onde estão escritas, diz-se, todas as coisas da Vida e da Morte. (Pina, 2009: 60-62)

Bastante diferente é a perspetivação de MAP da religião judaico-cristã e de alguns dos seus dogmas, que, humoristicamente subvertidos, e desde *O País das Pessoas de Pernas para o Ar*, até *O Cavalinho de Pau do Menino Jesus e outros contos de Natal*, representam uma das mais relevantes inovações da escrita deste autor. Formas subtis de elogiar a infância e a sua crença despreocupada na liberdade⁶, estas originais narrativas recriam a figura do Menino Jesus a desejar ser apenas um menino, a quem se autoriza talvez “ser mau”, como o seu vizinho Alberto Caeiro, no caso, por exemplo, do conto “O menino Jesus não quer ser Deus”, presente em *O País das Pessoas de Pernas para o Ar* ou a preferir os valiosos presentes oferecidos pelos Reis Magos em favor de um cavalinho de pau de crina dourada trazido pelo Pai Natal:

Quando se virou e viu o presente, o Menino Jesus ficou felicíssimo. Um cavalinho de pau! Desinteressou-se imediatamente do ouro, do incenso e mirra que lhe tinham trazido os Reis Magos. Estes ficaram um pouco decepcionados.

E quando o Menino Jesus adormeceu na manjedoura, Nossa Senhora procurou desculpá-lo:

“não façam caso, é uma criança...”, disse ela aos Reis Magos.

“Nós compreendemos, nós compreendemos”, disseram Gaspar, Baltasar e Belchior. Mas, lá no fundo, achavam que um Deus, mesmo sendo apenas um menino, deveria ter apreciado prendas tão valiosas como as suas.

⁶ Importa talvez lembrar que a liberdade é uma das principais isotopias do conto *O Tesouro*.

"Afinal é o Rei dos Reis...", comentaram uns com os outros, já de regresso aos seus reinos. "Onde é que já se viu um Rei ficar tão feliz com um cavalinho de pau?" (Pina, 2010: 27)

Este processo de dessacralização, de humanização (corajosa humanização!) ou de filiação "terrena" das figuras sagradas é, quanto a nós, concretizado de forma ímpar no conto "O sorriso", narrativa na qual se ouve a voz do Menino Jesus ainda no ventre materno e se sente a dor materna na hora do seu nascimento e o amparo – tão semelhante ao de certas figuras paternas dos dias de hoje – de São José:

[O Menino Jesus] Acordou sobressaltado com um grito da mãe [Nossa Senhora], depois outro, e outro. Ouviu São José vir a correr a amparar a Nossa Senhora:

"Deixa-te estar deitada, deixa-te estar deitada!". (Pina, 2010: 9)

Os medos infantis/juvenis surgem ficcionalizados ora a partir de uma intencionalidade desmistificadora sob o signo do humor, ora de forma dramática. Inscreve-se, no primeiro domínio enunciado, a divertida peça "O Homem do Saco", presente em *O Inventão*. Já no que diz respeito ao segundo tipo de tratamento, refira-se a configuração psicológica que distingue Manuel, o protagonista de *Os Piratas*, ou do herói homónimo da peça *Aquilo que os Olhos vêem ou o Adamastor*, peça com a qual se completa um díptico de temática marítima. Note-se que, nestes dois últimos textos, se cruzam temáticas como a memória, o sonho (por vezes, associado às isotopias do mar e da viagem), a dúvida e a imaginação.

Já na peça *Os 2 ladrões / Perguntem aos vossos gatos e aos vossos cães...*, à semelhança do que se pressentem em outros títulos do autor, verifica-se a substantivação de um veio temático reconhecidamente clássico: o desconcerto do mundo. A este associa-se a crítica social que contempla tópicos como a desumanidade (a selva humana), a justiça/injustiça e, até, a corrupção, saborosamente recriados na cena do julgamento⁷ dos dois ladrões, num tribunal que tem como juiz "Sua Santa Elefância", que já leva a sentença escrita, e, como advogado de acusação e também de defesa, um Papagaio.

Mesmo a mimetização de um jogo do xadrez em *A Guerra do Tabuleiro de Xadrez* e a própria aparência lúdica da construção ficcional, servindo de pretexto para condenar a

⁷ Cena que faz lembrar, aliás, outros julgamentos que podem ser lidos, por exemplo, em *Alice no País das Maravilhas*.

guerra e, naturalmente, elogiar a paz, acabam por encerrar uma importante intencionalidade semântico-pragmática, que possibilita, também, a filiação desta obra na isotopia que acabámos de destacar.

Em livros como *Pequeno Livro de Desmatemática* e *A Noite*, a inspiração científica (matemática e astronomia), consubstanciando um dos gostos autorais, serve, no primeiro caso, de motivo para o jogo poético e permite uma construção humorística muito apelativa, como testemunha o poema “Dois anúncios de jornal”:

Solução certa procura
 um problema à sua altura
 com quem possa partilhar
 uma vida sem incógnitas.
 (Matemático poeta
 dado às rimas exóticas
 procura rima correcta
 para a palavra “incógnitas...”). (Pina, 2002: 28)

Em contrapartida, na segunda obra, *A Noite*, a astronomia funciona como elemento que sustenta a obsidiante hesitação entre o real e o onírico, bem como o antagonismo entre um carácter prático, terreno e, de certa forma, pessimista e um outro, sonhador e optimista, representados, em última instância, pelos dois irmãos protagonistas.

Ora propondo a diversão ou conformando uma dimensão humorística e lúdica, ora implicando o leitor numa reflexão de índole variada (sobre a vida e a morte, sobre o amor, sobre a guerra e a paz, sobre a solidão, sobre as condições de vida moderna e, até, sobre a infância), que materializa, por vezes, uma relativa dimensão filosófica e suscita uma inquietação agriçoce, os livros de MAP potencialmente recebidos pelos leitores mais novos possuem uma presença e um significado reconhecidos na literatura portuguesa para a infância e a juventude.

3. AS ESTRATÉGIAS TÉCNICO-DISCURSIVAS COMO MEIOS/FORMAS DE “SAIR DOS LIVROS SEM SAIR DO LUGAR”

E se é na “lógica dialéctica dos contraditórios” (Frias, 2000: 6), a que se refere Joana Matos Frias, que radica uma das matrizes criativas mais persistentes da produção literária de MAP, facilmente se percebe a relevância e a eficácia do recurso a estratégias como o trocadilho, o paradoxo, o oximoro e as expressões contraditórias. Estes recursos, prolifere-

rando na generalidade dos textos do autor, singularizam poemas como "Coisas que não há que há", de *O Pássaro da Cabeça*:

Uma coisa que me põe triste
é que não exista o que não existe.
(Se é que não existe, e isto é que existe!)
Há tantas coisas bonitas que não há:
Coisas que não há, gente que não há,
Bichos que já houve e já não há,
Livros por ler, coisas por ver,
Feitos desfeitos, outros feitos por fazer,
Pessoas tão boas ainda por nascer
E outras que morreram há tanto tempo!
Tantas lembranças de que não me lembro,
Sítios que não sei, invenções que não invento,
Gente de vidro e de vento, países por achar,
Paisagens, plantas, jardins de ar,
Tudo o que eu nem posso imaginar
Porque se o imaginasse já existia
Embora num sítio onde só eu ia... (Pina, 1983: 17)

Processos como os que acabámos de assinalar e de exemplificar confirmam a natureza inovadora e/ou anti-esterotípica dos textos de MAP, bem como a ludicidade que os distingue e que incide, frequentemente, no plano lexical e fonético, como se constata, por exemplo, logo na própria construção titular de obras como *Gigões e Anantes* (1974), *O Têpluquê* ou *O Inventão*.

A forte presença do humor e do cómico nos seus três tipos – de situação, de carácter e de linguagem –, uma presença enraizada, em muitos casos, no pressuposto da transgressão e no efeito-surpresa, distingue uma importante parte da sua produção literária de preferencial recepção leitora infanto-juvenil.

Com efeito, a rara comunicabilidade dos seus textos baseia-se quer no recurso à ironia, ao humor e ao *nonsense*, quer na utilização sábia da expressão coloquial, quer, ainda, no uso inovador e livre das palavras, que conhece e aplica de forma imaginativa e flexível, explorando as suas potencialidades conotativas (como se a sua escrita fosse um verdadeiro laboratório linguístico, na acepção de Aguiar e Silva), em prol de uma aberta e descomprometida finalidade estética.

4. “SAIR DOS LIVROS [OU UMA VIAGEM INTERARTES] SEM SAIR DO LUGAR”: A COMPOSIÇÃO GRÁFICA E/OU VISUAL DOS LIVROS DE MAP

Na obras de MAP, a inter-relação semanticamente fértil entre a vertente linguística e a vertente pictórica é uma constante e o contacto com a diversidade de discursos plásticos que estas promovem pode representar um significativo exercício de leitura e de educação estética. Note-se que, com registos pictóricos muito variados, os ilustradores dos textos do autor de *Uma Viagem Fantástica* (1996), lendo diversamente (e com sensibilidade e inovação) as suas palavras, abrem também outras possibilidades de leitura. A título exemplificativo, sugerimos a leitura das ilustrações criadas por Manuela Bacelar ou José Emídio para a novela *Os Piratas*, por José Guimarães para *O Têpluquê* (2ª ed.), por Pedro Proença para a peça *Perguntem aos vossos gatos e aos vossos cães...* ou, ainda, por Ilda David' para a *História do Sábio Fechado na sua Biblioteca*. Facilmente se percebe a ligação das obras de MAP com a pintura, nomeadamente pela “presença” da arte de pintores/artistas plásticos com um trabalho sólido e reconhecido.

Algumas opções são “afectivas” (Pina, 2006: 261), como confessa em entrevista publicada no *Boletín Galego de Literatura*, a propósito da última edição de *O Têpluquê*, ilustrada por Bárbara Assis Pacheco, ou, até, acrescentamos nós, no caso da primeira edição de *O Pássaro da Cabeça*, que conta com ilustrações de Maria Priscila, ou de todos os livros ilustrados por João Botelho, ilustrador-amigo do poeta que possui um lugar de manifesto relevo na sua obra (e na sua vida).

É, aliás, com este amigo que MAP edita alguns volumes ilustrados nos quais as estratégias de arranjo gráfico evidenciam alguns esquemas visuais da literatura modernista. Referimo-nos, por exemplo, às palavras destacadas no decurso do texto pela dimensão, pelo tipo, negrito ou itálico, entre outros, aos quadros e figuras desenhadas integradas no meio do texto, etc. Estes processos observam-se, por exemplo, nas obras *Gigões & Anantes* (1974) e *O Têpluquê* (1976), ambas ilustradas por João Botelho.

Uma nota, ainda, para assinalar o facto de as ilustrações de determinados títulos do autor serem da autoria de ilustradores cuja actividade tem privilegiado precisamente a edição infantil, como acontece com Manuela Bacelar, Danuta Wojcieszoska, Joana Quental, Evelina Oliveira ou Inês do Carmo.

5. REFLEXÕES FINAIS

Como procurámos sugerir, na globalidade dos textos de MAP, avulta, por vezes, uma construção ficcional herdeira do *nonsense* anglo-saxónico, bem como um humor sustentado pelo absurdo, pelo inesperado e pelo despropositado. Com uma estruturação tendencial-

mente complexa (pensemos em peças como *Aquilo que os Olhos Vêem ou o Adamastor* ou *História do Sábio Fechado na sua Biblioteca*), muitas obras são perpassadas por tópicos como a hesitação entre o sonho e o real, a memória histórica e a questão do duplo ou da fragmentação do eu. A nota dominante de todos eles parece residir, quanto a nós, na libertação dos "padrões convencionais de uma moral e de uma linguagem artística retrógradas" (Rebello, 1989: 150), testemunhando, como sublinha, por exemplo, Luiz Francisco Rebello a propósito do teatro, a mais importante alteração na produção dramática/teatral infanto-juvenil do pós 25 de Abril de 1974, da qual MAP é um dos nomes incontornáveis.

O espaço e o tempo deste ensaio [no contexto do colóquio de homenagem ao autor no dia 21 de Janeiro de 2010] não nos permitem partilhar alguns dos percursos de análise de teor micro-estilístico a que a escrita de MAP convida. Cremos, porém, que a atenção possível que aqui concedemos à sua obra "para" crianças e jovens não permite duvidar que, nos seus textos, "não se vislumbra sombra da condescendência para com a inteligência e a sensibilidade dos potenciais pequenos leitores que, durante muito tempo, foi (e frequentemente continua a ser) a regra do género" (Pina, 2009: 6) - (tal como, aliás, o próprio MAP atribui como singularidade aos contos que integram a colectânea *Princesas, Príncipes, Fadas e Piratas com Problemas* (2009). Porque, na verdade, como melhor do que nós sabe MAP, só assim é realmente possível "Sai[r] dos livros sem sair do lugar, / e corre[r] o mundo de lés a lés" (Pina, 13). E esse, sim, representa um feito verdadeiramente admirável.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- FRIAS, Joana (2000). "Manuel António Pina no País das Palavras de Pernas para o Ar". *Malasartes [CADERNOS DE LITERATURA PARA A INFÂNCIA E A JUVENTUDE]* 2, Abril de 2000, 6-8.
- HOLLINDALE, Peter (1996). "Drama". In HUNT, Peter (ed.) *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. London/New York: Routledge, 206-219.
- REBELLO, Luiz Francisco (1989). *História do Teatro Português*. 4ª ed. revista e aumentada. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- PINA, Manuel António (1985). "Manuel António Pina" e "História com os olhos fechados". In SOARES, Luísa Ducla (coord.). *A Antologia Diferente. De que são feitos os sonhos*. Porto: Areal, 149-157.
- (1987). "Literatura Dramática para Crianças?" (texto, resumido, de uma conferência proferida em 21/03/87 no CIFOP na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro) in *Jornal de Notícias*, 01/09/87, s/p.
- (2006). "Encontros em Porto com Manuel António Pina" (entrevista conduzida por Sara Reis da Silva e Blanca-Ana Roig Rechou). *Boletín Galego de Literatura* 36/ 37, 2º semestre de 2006/1º semestre de 2007. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 255-267.
- (2009). "Prefácio" a *Princesas, Príncipes, Fadas e Piratas com Problemas*. Porto: Porto Editora, 5-6.

(2010). “Com ou sem h” (resposta a um inquérito promovido no âmbito do dossier temático “Humor e Literatura”). *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13-26 de Janeiro de 2010, 12.

WALTY, Ivete Lara Camargo e CURY, Maria Zilda Ferreira Cury, “Intertextualidade”. *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>> (15 de Janeiro de 2010).

OBRAS DE MAP “PARA” CRIANÇAS E JOVENS

(1973). *O País das Pessoas de Pernas para o Ar – Contos para Crianças*. Coleção “Lobo Bom”. Lisboa: A Regra do Jogo (ilustrações de João [Botelho]) (2ª ed. – id., 1975; 3ª ed. – id., 1978; 4ª ed. – 1996, Porto: Afrontamento, desenhos de José de Guimarães; reed. – 2007, Coimbra: Pé de Página, ilustrações de João Botelho).

(1974). *Gigões & Anantes*, Lisboa: A Regra do Jogo (ilustrações de João B[otelho]) (2ª ed. – id., 1978).

(1976). *O Têpluquê*. Porto: A Regra do Jogo (ilustrações de João Botelho); (1995 - 2ª ed. aumentada). *O Têpluquê e outras histórias*. Porto: Afrontamento (ilustrações de José de Guimarães); (2006 – reed.) (ilustrações de Bárbara Assis Pacheco).

(1978). “A Revolucion das Letras”. *A Nosa Terra*. 17 de Maio de 1978 (tradução de Margarita Ledo⁸ e desenhos de Jacobo [sic] B.).

[1983]. *O Pássaro da Cabeça* (Poesia para crianças). Lisboa: A Regra do Jogo (ilustração-colagens de Maria Priscila).

(1983). *Os 2 Ladrões*. Porto: Afrontamento (ilustrações de João Botelho).

(1984). *História com Reis, Rainhas, Bobas, Bombeiros e Galinhas*. Porto: Pé de Vento (figurinos e máscaras teatrais de Maria Augusta Araújo).

(1985). *A Guerra do Tabuleiro de Xadrez*. Porto: Pé de Vento (com serigrafia de Rui Aguiar).

(1986). *Os Piratas*. Porto: Areal (ilustrações de Manuela Bacelar); (2003- 2ª ed.): Porto: Asa (ilustrações de José Emídio); (1997). Porto: Teatro Pé de Vento e Afrontamento (versão para teatro)⁹.

(1987). *O Inventão (Aventuras do maior intelectual do mundo)*. Porto: Afrontamento (ilustrações de António Lucena); 2ª ed. – id, 1989; 3ª ed. – id., 1993; (2003 – 4ª ed.). (ilustrações de Luiz Darocha) (Prémio Calouste Gulbenkian Melhor Livro Publicado em Portugal em 1986/1987).

(1994). *O Tesouro*. Porto: Ed. April e Associação 25 de Abril (ilustrações de Manuela Bacelar e arranjo gráfico de Né Santelmo).

(1995). *O Meu Rio é de Ouro / Mi Río es de Oro* (ed. Bilingue). Porto: Ed. April (trad. de Marta Saracho) (ilustrações de Manuela Bacelar).

(1996). *Uma Viagem Fantástica* (com Rui Azul). Porto: Ed. Gec/Alsthom (BANDA DESENHADA).

(1998). *Aquilo que os Olhos Vêem ou o Adamastor*. Coleção “O Sol e a Lua – 14”. Porto: Campo das Letras (figurinos de Susanne Rosler).

⁸ Responsável também pela tradução dos textos de MAP que integram a obra, de 1991 (com segunda edição de 1994), *Xiganos e Anantes*. Colec. “Merlín”. Vigo: Edicións Xerais de Galicia (ilustrações de Maria Xosé Fernández). Esta referência não consta dos créditos desta publicação, tendo sido facultada pela própria tradutora.

⁹ Versão narrativa traduzida em dinamarquês: (1990). *Soroverne*. Copenhague: Skovlaenge Forlaget (trad. de Jorge Braga e Britta Nielsen).

- (1999). *Histórias que me contaste tu*. Coleção Assirinha / 1, Lisboa: Assírio & Alvim (desenhos de João Botelho) (2ª ed. – 2003).
- (2001). *A Noite*. Coleção "O Sol e a Lua – 5". Porto: Campo das Letras (ilustrações e fotografias de António Sabler).
- (2001). *Pequeno Livro de Desmatemática*. Coleção Assirinha / 8, Lisboa: Assírio & Alvim (desenhos de Pedro Proença) (2ª ed. – 2003).
- (2002). *Perguntem aos vossos Gatos e aos vossos Cães...* Coleção Assirinha / 9, Lisboa: Assírio & Alvim (ilustrações de Pedro Proença).
- (2003). *Têpluquê. Se calhar não é nada disso, mas também pode ser...* (brochura do espectáculo teatral com encenação e versão dramática de José Caldas). Braga: Companhia de Teatro de Braga¹⁰.
- (2004). *História com Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas e A Guerra do Tabuleiro de Xadrez*. Colect. "O Sol e a Lua". Porto: Campo das Letras (reed.) (figurinos de Maria Augusta Araújo e Rui Aguiar).
- (2004). *O Cavalinho de Pau do Menino Jesus*. "História de Natal" / 1. Lisboa: Expresso (com a edição Nº 1675) (ilustrações de Danuta Wojciechowska).
- (2005). *O Pássaro da Cabeça*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições (reed.). (ilustrações de Joana Quental).
- (2005). *O Tesouro*. Colect. "Palmo e Meio". Porto: Campo das Letras (reed.) (ilustrações de Evelina Oliveira).
- (2005). *A História do Capuchinho Vermelho contada a crianças e nem por isso*. Porto: Museu Serralves/Público (segundo desenhos de Paula Rego)¹¹.
- (2006). *O Têpluquê e outras histórias*. Lisboa: Assírio & Alvim (reed.) (ilustrações de Bárbara Assis Pacheco).
- (2007). *O País das Pessoas de Pernas Para o Ar*. (reed.). Coimbra: Pé de Página. (ilustrações de João Botelho).
- (2009). *História do Sábio Fechado na Sua Biblioteca*. Lisboa: Assírio & Alvim. (ilustrações de Ilda David').
- (2009). *O cavalinho de pau do Menino Jesus e outros contos de Natal*. Porto: Porto Editora. (ilustrações de Inês do Carmo).

RESUMO

Vasta, polifacetada e reconhecida, a escrita "para" crianças e jovens de Manuel António Pina possibilita, como poucas, uma grande variedade de leituras.

ABSTRACT

Being vast, multifaceted and widely recognized, the writing "for" children and youth by Manuel António Pina allows, like few do, for a variety of possible readings.

¹⁰ Este documento, publicado aquando do espectáculo com o mesmo título levado à cena em 2003, no Theatro Circo, pela Companhia de Teatro de Braga, corresponde a uma versão dramática da autoria de José Caldas, encenador do referido espectáculo, um texto composto a partir das narrativas da colectânea *O Têpluquê*.

¹¹ Traduzido em dinamarquês: (2005). *Historien om den lille rodhaette forfalt til born men ikke alene af Manuel António Pina efter tegninger af Paula Rego*. Copenhague: Forlaget Orby (trad. de Jorge Braga).